

ANNA LIA A.A. PRADO, TRADUTORA DE TUCÍDIDES: “A ORAÇÃO FÚNEBRE DE PÉRICLES”*Adriane da Silva Duarte*¹

Resumo: Anna Lia A. A. Prado (1925-2017) publicou a tradução do Livro I da *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides, mas não levou adiante o projeto de vertê-la integralmente. Contudo, deixou algumas passagens da obra revisadas, entre elas “A Oração Fúnebre de Péricles” (Tucídides, HGP, II, 34-46). Considerando que sua tradução, atenta ao estilo exigente da prosa tucididiana, difere das que temos disponíveis em língua portuguesa, proponho aqui sua publicação, antecedida por breve comentário.

Palavras-chave: Tucídides; *História da Guerra do Peloponeso*; Oração Fúnebre; Péricles; Anna Lia A. A. Prado

Abstract: Anna Lia A. A. Prado (1925-2017) published the translation of Book I of Thucydides’ *History of the Peloponnesian War*, but did not proceed with the project of turning it over entirely. However, she left some passages of the work revised, among them “Pericles’ Funeral Oration”, (Thucydides, HGP, II, 34-46). Considering that its translation, attentive to the demanding style of thucydidian prose, differs from those available in Portuguese, I propose its publication here, preceded by a brief comment.

Keywords: Thucydides; History of Peloponnesian War; Pericles’ Funeral Oration; Anna Lia A. A. Prado

Anna Lia Amaral de Almeida Prado (1925-2017), responsável pela formação de mais uma geração de classicistas, foi professora de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo. Durante sua vida, publicou pouco, tanto por ter sempre privilegiado a sala de aula quanto por ser extremamente crítica consigo mesma. Ainda assim, e especialmente após a aposentadoria, lançou um bom número de traduções e, quando de sua morte, deixou alguns textos, revisados, prontos na gaveta.

Em vista do longo convívio que mantive com a professora, primeiro enquanto sua aluna na graduação e orientanda na pós-graduação, e, depois, enquanto amiga, a família me confiou as pastas em que ela guardava esse material inédito². Dada sua excepcional qualidade, julgo importante divulgá-lo aos que se interessam pelos clássicos e, em especial, por Tucídides, autor de sua predileção e ao qual dedicou sua tese de doutorado, defendida em 1973, e publicada, depois de revista, em 1999 – que consistiu no estudo e tradução do livro I da *História da Guerra do Peloponeso*. Essa incursão pelo livro I foi

¹ Professora Associada (Livre-docente) de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo.

² Gostaria de agradecer à família através de Luisa de Almeida Prado Arruda Pignalosa a cessão dos arquivos de Anna Lia A. A. Prado e o apoio para a publicação dessa tradução.

bastante extenuante e Prado não mais voltou a traduzir extensivamente Tucídides. No entanto, verteu ao menos seis passagens da obra, pertencentes a livros diversos e de tamanho variado – de uma a trinta e duas sessões, como é o caso do “Diálogo de Melos” (*HGP*, V, 84-116), a mais longa delas. Há textos manuscritos, que foram evidentemente passados a limpo, dado o apuro da caligrafia e a ausência de rasuras, mas a maior parte está datilografada, sendo que alguns trazem marcas manuscritas de revisão. Nenhum dos textos está datado.

Sobre o propósito para o qual teria vertido essas passagens, só resta especular. Uma vez que, até onde eu pude averiguar, nenhuma tenha sido publicada, mas estão todas bem-acabadas, penso que o mais provável é que tenham tido finalidade didática. A professora, insatisfeita com as traduções disponíveis, produziu o material de que precisava para suas aulas. Em favor dessa hipótese, dou um testemunho. Em uma disciplina ministrada na pós-graduação em 1989, “Uma leitura de Tucídides”, a qual cursei, ela propunha como exercício aos alunos a “correção” de uma tradução sua. Invertendo o padrão habitual, em que o professor pede que o estudante traduza um texto e o corrige, ela oferecia uma versão sua para que os alunos apontassem falhas e sugerissem aperfeiçoamentos. Assim, alguns dos textos curtos, de uma a duas sessões, que subsistiram, poderiam ter se prestado a esse propósito. Outros, os mais longos e de partes mais emblemáticas, poderiam ter servido de base para comentários em sala de aula ou conferências.

Seria esse o caso de “A Oração Fúnebre de Péricles”, passagem antológica de Tucídides, inserida no livro II, sessões 34 a 46. Sobre a Oração Fúnebre, já bastante estudada, pouco vou me estender. Dou aqui apenas alguns elementos para a contextualização da peça, de modo a orientar o leitor menos familiarizado. O foco deste comentário é a tradução que dela apresenta Prado.

“A Oração Fúnebre” é uma peça que pertence à oratória epidítica, ou seja, aos discursos voltados para o louvor ou a censura, e nela, ao subgênero dos discursos epitáfios, feitos em honra aos mortos – no caso, louva-se a virtude dos que morreram em defesa de Atenas e, através deles, a grandeza da própria cidade. O discurso, segundo Tucídides, teria sido proferido por Péricles, que governou Atenas entre 461 e 429 AEC, ao fim do primeiro ano da guerra entre atenienses e espartanos (431-430 AEC) no contexto de uma cerimônia pública. Embora aceite pela maioria dos estudiosos como

autêntico, pesa sobre a peça a suspeita de ter sido composta por Tucídides com o propósito de enaltecer Atenas e seu líder, exemplo para ele de homem público.

Sobre a composição dos discursos que integram a obra, traço característico da escrita tucididiana, o historiador adverte na introdução de sua obra que (TUCÍDIDES, *HGP*, I, 22, tradução A. L. A. A. Prado):

“Quanto aos discursos que cada uma das partes pronunciou, quer nas vésperas da guerra, quer no seu decorrer, reproduzir-lhes as palavras exatamente era difícil, para mim quando os ouvira pessoalmente, para os outros quando me transmitiam o que tinham ouvido de qualquer outra fonte; como me parecia que cada orador teria falado o que cabia sobre as situações sucessivas, atendo-me o mais próximo possível do sentido geral das palavras realmente pronunciadas, assim vão formulados.”

Isso implica que os discursos foram, em certa medida, reelaborados por Tucídides, que, no entanto, se compromete a reter o máximo de seu significado. O quanto o historiador manipulou o discurso, se ele o testemunhou ou não, ou, até mesmo, se ele teria sido pronunciado ou não, são questões em aberto. Nada disso, no entanto, torna a passagem menos significativa enquanto um dos mais importantes documentos do pensamento político clássico. É precisamente a relevância do texto que justifica a iniciativa de publicar a versão inédita de Prado.

De início é preciso desfazer um equívoco. Em *O Mundo de Atenas*, livro de apoio aos estudantes do método *Reading Greek*, traduzido por Prado, consta “A Oração Fúnebre” (JONES, 1997: 56-60).³ Embora a tradutora, em nota técnica, assumia também as versões dos textos gregos citados, uma análise detida do material impresso leva a crer que, por razões ignoradas, as traduções ali apresentadas sejam indiretas, produzidas a partir do inglês, ainda que não se descarte que os textos tenham sido cotejados com o grego e sofrido modificações pontuais.⁴

³ *O mundo de Atenas*, organizado por P. V. Jones (1997), é um manual inglês que busca contextualizar fatos de história e cultura gregas através de exemplos extraídos das obras dos autores antigos. *Reading Greek* é um método de introdução ao grego antigo produzido pela Joint Association of Classical Teachers e publicado pela Cambridge University Press. Está traduzido no Brasil como *Aprendendo Grego* (São Paulo: Editora Odysseus, 2010/1ª edição).

⁴ Uma das evidências está na comparação dos excertos citados de *Econômico*, de Xenofonte, com a tradução da obra de Prado (XENOFONTE, 1999), bastante diversos no estilo e na escolha lexical. Embora na nota técnica Prado afirme ter incumbido-se “dessa tarefa e por ela ser responsável” (JONES, 1997: IX), os créditos catalográficos trazem a seguinte observação: “Os textos citados foram traduzidos, *sempre que possível*, do grego por Anna Lia de Almeida Prado” (itálicos meus).

No caso da referida passagem de Tucídides isso é certo. A começar pela presença de uma nota de rodapé, aposta pela tradutora, que credita a Crawley a tradução no original, apontando ser, para os autores do manual, a que “transmite mais fielmente que outras o estilo do historiador”. Trata-se do único caso de uma nota assim na obra, deixando subentendido que nesse caso específico os autores não ofereceram uma versão própria, mas reproduziram esta.⁵ E, ao que tudo indica, Prado tomou a mesma decisão aqui.

Um cotejo superficial não deixa dúvida sobre isso. Veja-se, a título de exemplo, a sessão 37.1 do livro II, primeiramente por Crawley e, em seguida na versão de *O Mundo de Atenas* (1997: 56):

"Our constitution does not copy the laws of neighbouring states; we are rather a pattern to others than imitators ourselves. Its administration favours the many instead of the few; this is why it is called a democracy. If we look to the laws, they afford equal justice to all in their private differences; if no social standing, advancement in public life falls to reputation for capacity, class considerations not being allowed to interfere with merit; nor again does poverty bar the way, if a man is able to serve the state, he is not hindered by the obscurity of his condition."

“Nossa Constituição não copia as leis das cidades vizinhas, e somos antes modelo para os outros que imitadores deles. Seu uso favorece a maioria e não poucos e, por isso, é chamada de *demokratía*. Se olharmos para as leis, elas proporcionam justiça igual para todos em suas diferenças particulares; se para a posição social, o avanço na vida pública deve ser a reprodução de capacidade não se permitindo que as considerações de classe interfiram com a *areté*. Tampouco a pobreza barra o caminho e, se um homem é capaz de servir a cidade, disso não é impedido pela obscuridade de sua condição.”

Em nada essa tradução evoca a que se apresenta mais adiante, em que as dificuldades da escrita tucididiana saltam aos olhos. Earley (2014: 375) aponta, num contraste curioso com a nota, que Crawley “toma muitas liberdades com o grego” e que “onde Tucídides explora tópicos como a natureza do julgamento político, revelando os processos de tomada de decisão e persuasão em uma democracia em cada discurso e sessão do texto,

⁵ A tradução de Richard Crawley data de 1874 e é bastante popular, podendo ser encontrada tanto no Internet Classics Archive (<http://classics.mit.edu/Thucydides/pelopwar.html>) quanto no Project Gutenberg (<http://www.gutenberg.org/files/7142/7142-h/7142-h.htm>).

Crawley vê apenas aforismos políticos”. Nada mais diferente dos critérios que nortearam as traduções de Prado.

Igualmente inconcebível é que ela tenha apenas traduzido do inglês sem passar pelo grego. Quem a conheceu, sabe bem que tal prática seria incompatível com sua postura acadêmica. O que pode ter acontecido, então? Uma hipótese é que o volume de textos a traduzir do original fosse tão grande que, somados à tradução do próprio texto, tenha tornado a tarefa irrealizável e, que por um deslize de edição, a nota técnica não tenha sido revista. É o que me parece mais provável. De qualquer forma, toda essa digressão tem por objetivo apenas reafirmar o ineditismo da tradução aqui publicada.

Cabe agora expor o que há de particular nessa tradução que recomende uma publicação póstuma. Considerando a tipologia da prática tradutória que divide a produção em domesticadora e estrangeirizante, sendo que a primeira optaria por esconder as diferenças linguísticas e culturais, transpondo tudo à cultura de chegada, enquanto a segunda ressaltando o estranhamento do texto original e do contexto de partida, Prado pratica essa última, entregando a seu leitor um Tucídides rascante e sem arestas.⁶

Quando da publicação do Livro I de *História da Guerra do Peloponeso*, Prado (TUCÍDIDES, 1999: LVII-LIX) tece um breve comentário sobre suas escolhas tradutórias. Nele, depois de observar que “o tradutor, para ser fiel na transmissão do conteúdo, tem de ser fiel também no modo de expressão”, conclui (TUCÍDIDES, 1999: LVIII-LIX):

“Nosso propósito constante foi não descaracterizar o texto, guardando na expressão portuguesa, tanto quanto possível, as particularidades do estilo tucidiano. O leitor encontrará frequentemente litotes, substantivação de verbos, longos períodos em que predominam orações subordinadas. Se atingirmos nosso propósito, o leitor notará também uma diferença nítida no estilo das narrativas e dos discursos. A linguagem dos discursos poderá aparecer rebuscada e artificiosa, a concisão do enunciado poderá contribuir para que a leitura seja lenta e muitas vezes penosa. Poupá-lo dessa dificuldade seria resignarmos a apresentação de uma paráfrase do texto original e, portanto, desistir de uma aproximação maior da mensagem do autor”.

A citação é longa, mas valiosa para se possa compreender como a tradutora pretende trazer Tucídides até o leitor brasileiro sem aplainá-lo. Nem é preciso dizer que se trata de opção diversa da de Mário da Gama Kury, cuja tradução da *História da Guerra*

⁶ Sobre essa tipologia e seus desdobramentos, cf. Francisco (2014), Snell-Hornby (2012).

do *Peloponeso*, única integral entre nós, esforça-se para acomodar o historiador à sintaxe do português, recorrendo frequentemente às paráfrases como forma de contornar as dificuldades inerentes do texto.⁷

A observação que Prado faz sobre o estilo dos discursos é especialmente pertinente em vista da tradução d' "A Oração Fúnebre", inclusive no diagnóstico de uma "leitura lenta e muitas vezes penosa". Ao transcrever o texto, experimentei muitas vezes a necessidade de reler um mesmo parágrafo para apreender sua sintaxe. Cotejando a tradução com o texto grego, contudo, nota-se que a dificuldade está lá em Tucídides. E essa me parece ser a virtude maior desse texto, confrontar os leitores brasileiros a um prosador absolutamente singular e exigente, tirando-os de sua zona de conforto. Como exemplo disso elejo a sessão 43 em que a tradutora se nega a dividir o período longuíssimo, preservando as orações intercaladas e a ordem das palavras nem sempre natural no português.⁸

Para concluir, devo situar o texto que publico. Como mencionado anteriormente, a tradução d' "A Oração Fúnebre" faz parte de um conjunto de seis passagens pertencentes a *História da Guerra do Peloponeso* que Prado traduziu em data incerta. Esse material estava arquivado em uma pasta, datilografado e também em cópia xerox.

Para "A Oração Fúnebre", além do datiloscrito em seis páginas, há duas cópias reprográficas, todas sem notas, mas uma delas com passagens sublinhadas; todas trazem marcas manuscritas, poucas, de revisão – suplementação de pronomes ou preposições basicamente, o que indica que já fosse essa a etapa final de uma tradução bem trabalhada.⁹ Como título traz "TUCÍDIDES, II, 34-47-1" apenas – talvez por haver uma tradução para Tucídides II, 1-24, em que se anota "Guerra do Peloponeso, Livro II", esta muito revisada e aparentemente longe ainda de uma conclusão. Não há qualquer indicação do texto grego

⁷ Cf. Tucídides, 1982. Preciso pontuar aqui que, embora tenha ressalvas à tradução de Gama Kury, entre elas não está sua opção pela domesticação do texto grego. Creio que o ideal é haver um bom número de traduções de uma mesma obra, de orientações diversas, para que os leitores possam escolher àquela que mais corresponda às suas expectativas. Minha primeira leitura de Tucídides foi justamente nessa tradução e não acredito que o teria atravessado de cabo a rabo se estivesse lendo a de Prado, pois naquele primeiro contato meu objetivo era conhecer os fatos que levaram à guerra e seu desenvolvimento e, não, apreender o estilo do autor.

⁸ A título de comparação, Crawley quebra o período em três orações e Mário da Gama Kury o divide em dois.

⁹ Só para exemplificar no que consiste a revisão, aponto a sessão 43.3 em que a preposição "em" está anotada à mão acima de "quem": "Só ela, entre as de hoje, para a prova caminha mais forte que a sua reputação e só ela não faz que o inimigo agressor se irrite pensando em quem o fez sofrer, nem que o súdito reclame que quem o comanda disso não é digno". Em 44.2, o verbo "pensai" está anotado sobre "que": "Vós que estais além da idade considerarem lucro ter sido feliz durante a maior parte da vida e pensai que o resto será breve, e vos sirva de alívio o renome destes". Todas essas correções foram incorporadas ao texto aqui apresentado.

consultado, mas uma boa aposta seria o estabelecido para Les Belles Lettres por Jacqueline de Romilly (2ª edição, 1958), que serviu de base para a versão do Livro I (TUCÍDIDES, 1999: LVII).

Limitei-me a transcrever o texto tal como o recebi, intervindo apenas para fazer atualizações relativas ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 e raríssimas correções marcadas no texto pelo uso de colchetes (suplementação de preposição, acentuação, vírgula). Passemos ao texto de Tucídides.

Tucídides: *História da Guerra do Peloponeso*, “A Oração fúnebre” (II, 34-47.1)

Tradução de Anna Lia A. A. Prado

34. Durante o mesmo inverno, os atenienses, segundo o costume ancestral, fizeram os funerais públicos dos primeiros mortos desta guerra. Eis como são feitos. 2. Os ossos dos defuntos, dois dias antes, eles expõem em uma tenda para isso armada e cada um traz ao seu morto seu morto oferendas que quer. 3. Quando se faz o cortejo, carretas conduzem urnas de cipreste, uma de cada tribo – os ossos de cada um vão dentro da urna da tribo a que pertence. Um único leito vazio é transportado recoberto, o dos desaparecidos, os que não foram encontrados no momento do resgate dos corpos. 4. Participa do cortejo quem quer, cidadão ou estrangeiro e, quanto às mulheres, as da família ficam perto da sepultura chorando. 5. Depõem, então, os despojos no monumento público que fica no mais belo subúrbio da cidade, onde sempre sepultam as vítimas da guerra, exceto os heróis de Maratona – por julgar excepcional o mérito desses, lá mesmo os sepultaram. 6. Depois que os cobrem com terra, um homem escolhido pela cidade, aquele que, por suas qualidades pessoais, consideram inteligente e, pela reputação que tem, destaca-se dos demais, pronuncia em honra deles o elogio adequado; depois disso vão-se embora. 7. Assim os sepultam e, durante toda a guerra, sempre que havia ocasião, seguiam o costume. 8. Ora, em honra [a] esses primeiros mortos, Péricles, filho de Xantipo, foi escolhido para falar. E quando chegou a hora certa, afastando-se do monumento, dirigiu-se à tribuna que era alta para que fosse ouvido pela maioria das pessoas lá reunidas e falou palavras como essas:

35. "A maior parte dos que aqui já falaram louva quem acrescentou à cerimônia usual este discurso, julgando que é belo pronunciá-lo em honra dos mortos na guerra, no momento de sepultá-los. A mim pareceria bastante, quando homens com uma ação se fizeram excelentes, com uma ação também prestar-lhes homenagens, como as que agora em volta desta sepultura vedes publicamente preparadas, e não de um único homem, se ele fala bem ou mal, deve depender a fé no mérito de muitos. 2. É difícil falar dentro da medida num momento em que até a apreciação da verdade a custo se firma: o ouvinte informado e bem disposto julgaria, talvez, a manifestação um pouco aquém do que deseja e conhece, e o inexperiente veria, por inveja, exagero aqui e ali, se ouvisse algo além de sua natureza. Até este ponto são toleráveis os elogios feitos a outrem, até onde cada um se julga capaz de fazer algo do que ouviu, mas a quem os ultrapassa já invejam e não dão fé. 3. Visto que os antigos comprovaram que assim estava bem, é preciso que eu também, segundo o costume, tente corresponder ao desejo e à opinião de cada um o mais possível. 36. Começarei, em primeiro lugar, por nossos antepassados. É justo para com eles e ao mesmo tempo adequado, num momento como este, prestar-lhes a homenagem desta lembrança. A terra que sempre habitaram, através da sucessão de gerações até hoje, por seu mérito, nos entregaram livre. 2. E eles são dignos de louvor e ainda mais os nossos pais, pois, além do que receberam, conquistaram um império como o temos e, não sem labuta, mais isso a nós, os de hoje, legaram. 3. A maior parte dele fomos nós mesmos, os que hoje estamos em plena maturidade, que conseguimos, e a cidade nós a fizemos autossuficiente em tudo para a guerra e para a paz. 4. Em tudo isso, os feitos de guerra com os quais, uma a uma, se fizeram as conquistas, ou quando nós mesmos ou nossos pais nos defendemos ardorosamente de uma guerra de agressão, bárbara ou helena, não querendo falar longamente para quem disso é sabedor, deixarei de lado. De que princípios de conduta partimos para chegar a essa situação? Com que constituição, graças a que traços de caráter ela assumiu essa grandeza? Isso explicarei antes de chegar ao louvor destes porque, no momento, penso eu, não é inadequado que isso seja dito e é útil que todos esses, cidadãos e estrangeiros, aqui reunidos, lhe deem atenção.

37. Usamos de uma constituição que nada das leis dos vizinhos tem a invejar e somos antes modelo para alguém que imitadores de outros. Quanto ao nome, porque não se rege em vista de poucos, mas em vista da maioria, chama-se democracia; segundo as leis, cabe a todos o igual nas divergências individuais mas, segundo o mérito, como cada

um se distingue numa função, não por revezamento mais que por valor há privilégio para os cargos públicos e, inversamente, por pobreza, se pode beneficiar em algo a cidade, ninguém é impedido pela obscuridade de sua situação. 2. Com liberdade, no referente ao comunitário, exercemos a cidadania e também, quanto à suspeita mútua nas tarefas cotidianas, sem irritação contra o próximo, se ele age ao seu bel prazer. 3. Sem constrangimento vamos ao encontro de nossas tarefas particulares e, nas públicas, sobretudo por temor não agimos à margem da lei, atentos aos que sucessivamente estão no governo e às leis e, entre elas, sobretudo àquelas que têm por fundamento o auxílio às vítimas de injustiça e àquelas que, embora não escritas, trazem a vergonha como sanção aceita por todos.

38. De fato, também maior número de oportunidades de lazer proporcionamos à mente com o hábito de concursos e festas religiosas durante o ano todo e de mobiliário rico em nossas casas, e o prazer que dia a dia disso tiramos afasta de nós o que é penoso. 2. Graças à grandeza da cidade, de toda a terra nos vem tudo e acontece que gozamos dos produtos daqui com uma familiaridade que em nada é maior do que aquela com que nos servimos daquilo que os outros homens produzem.

39. Diferíamos de nossos adversários também no cuidado com as coisas da guerra no seguinte. A cidade nós apresentamos como sendo de todos e, em nenhum momento, com a expulsão de estrangeiros, excluímos alguém de um estudo ou espetáculo que, não sendo escondido, um inimigo poderia ver e dele tirar proveito, porque não confiamos mais nos preparativos e nos enganos que na valentia que, para agir, procuramos em nós mesmos. Na educação, eles, com um exercício penoso, desde a juventude buscam a coragem e nós, vivendo folgadoamente, sem inferioridade alguma, enfrentamos perigos equivalentes. 2. Prova é que os lacedemônios não apenas com os seus homens, mas com todos juntos[,] estão em campanha contra nossa terra e nós, ao atacar o território dos vizinhos, sem dificuldade lutamos em terra alheia, contra quem defende o que é seu e, na maioria das vezes, conseguimos dominar. 3. Com o total de nossa força nenhum inimigo jamais se deparou porque o cuidado com a frota coincide com o envio de nossos homens para muitas frentes em terra. Se, porém, com uma parte dela entram em luta, quando dominam alguns de nós, gabam-se de a todos terem feito recuar e, quando são vencidos, dizem que foram derrotados por todos nós juntos. 4. Ora se, mais com descuido que com empenho nos trabalhos e não contando com a coragem que vem das leis mais do que com a do caráter, queremos correr riscos, resta-nos não sofrer antes as dores que estão por vir

e, se a elas chegarmos, mostrar-nos não menos resistentes que os que estão sempre esforçando-se. Nesses pontos a nossa cidade é digna de admiração e ainda em outros.

40. Amamos o belo na simplicidade e amamos a sabedoria sem moleza. Empregamos a riqueza mais como oportunidade de ação que como arrogância de palavra e, quanto à pobreza, se confessá-la não é vergonhoso para ninguém, não fugir dela é mais vergonhoso. 2. É possível a mesma pessoa ocupar-se a um só tempo dos interesses particulares e dos da cidade e quem está voltado para outras atividades julgar a contento os assuntos da cidade. Só nós julgamos quem não participa desses trabalhos não um homem despreocupado, mas inútil. Nós mesmos julgamos ou refletimos corretamente sobre os problemas, não vendo as palavras como prejuízo para ação, mas o não informar-nos previamente antes de enfrentar com um ato aquilo que é preciso. 3. Aqui está, de fato, uma qualidade que nos distingue: somos capazes de ousar muito e, ao mesmo tempo, de calcular sobre o que empreendemos, enquanto aos outros a ignorância infunde firmeza e o cálculo, hesitação. Merece, por direito seu, ser julgado homem de ânimo muito forte o que discerne com muita clareza o temível e o agradável e, nem por isso, foge dos perigos.

4. Também no referente ao mérito opomo-nos ao vulgo: não recebendo, mas prestando favores, fazemos os nossos amigos. O mais seguro amigo é quem prestou um favor na medida em que, através de sua benevolência, procura manter naquele de quem é benfeitor a dívida de gratidão, enquanto o devedor é mais tíbio porque tem consciência de que, se retribuir a generosidade, não o fará para prestar um favor, mas para pagar uma dívida. Só nós também sem temor ajudamos alguém não tanto por cálculo de interesse quanto pela confiança que é própria da liberdade.

41. Em resumo declaro porque a cidade, no seu todo, é para a Hélade uma lição e que individualmente, penso eu, o mesmo homem apresenta-se autossuficiente para com graça adaptar-se versatilmente à maioria das situações.

2. E que no momento presente não há arrogância de palavras mais que verdade de ações a própria força que a cidade tem[,] e que, com esses traços de caráter, conquistamos[,] indicará. 3. Só ela, entre as de hoje, para a prova caminha mais forte que a sua reputação e só ela não faz que o inimigo agressor se irrite pensando em quem o fez sofrer, nem que o súdito reclame que quem o comanda disse não é digno. 4. É com sinais nítidos e não sem testemunho que, essa força tendo oferecido aos de hoje e aos pósteros, seremos admirados. Em nada carecemos de um Homero como louvador nem de quem com versos nos encante, mas cuja interpretação a verdade dos fatos destruirá. Ao

contrário, todo mar e terra obrigamos a fazerem-se acessíveis à nossa audácia e por toda a parte deixamos monumentos imperecíveis de males e de bens.

5. Foi por uma cidade como essa que estes aqui, novamente decidindo não perdê-la, morreram combatendo e é de esperar-se que, dentre os que ficaram, todos queiram labutar por ela.

42. Por isso me alonguei no referente à cidade – queria esclarecer que o penhor da disputa não é igual para aqueles que nada de igual têm e, ao mesmo tempo, tornar visível através de sinais o elogio daqueles sobre quem falo. 2. Dela o que é maior está dito: cantei a cidade destacando o que os méritos destes e dos que são como eles lhe deram como adorno e não para muitos helenos a palavra se evidenciaria, como para eles, equivalente aos feitos. Na minha opinião o que revela o mérito viril, no início denunciando-o e por último firmando-o, é o fim que tiveram. 3. E para os que em outros pontos foram inferiores é justo pôr em primeiro lugar a coragem na guerra em defesa da pátria pois, com um bem tendo feito desaparecer um mal, mais foram úteis como membros da comunidade que prejuízo causaram como indivíduos. 4. Dentre esses ninguém, dando mais valor ao gozo da riqueza, amoleceu, nem na pobreza com expectativa de que, fugindo dela, enriqueceria adiou o risco. A punição dos adversários considerando mais desejável que aquilo e julgando, ao mesmo tempo, este risco mais belo, quiseram com ele a uns punir, aqueles bens alcançar, à esperança entregando o que isso tem de obscuro, na realidade, porém, a respeito do que está diante dos olhos, decididos a confiar em si mesmos. E nisso o resistir e o sofrer consideraram de mais valor que o salvar-se cedendo: a vergonha do que se diria evitaram, a ação com o próprio corpo enfrentaram e, num instante mínimo que coincidia com o auge mais da fama do que do temor, eles se foram.

43. Estes homens foram tal como convém à cidade e vós, os que ficaram, é preciso que façais votos de que seja mais firme, que peçais que seja mais ousada a vossa disposição para com os inimigos, não só com a palavra visando à vantagem – sobre ela a vós que nada menos sabeis poder-se-ia alongar dizendo quanto de bom há no repelir os inimigos – mais, porém, contemplando a força da cidade dia a dia na realidade e vindo a ser amantes dela e, quando ela vos parecer grande, refletindo que, ousando e reconhecendo o dever e, nas ações tendo brio, nossos homens fizeram essas conquistas e, quando falhavam numa tentativa, não pensavam que privariam a cidade de seu valor, mas a ela entregavam como contribuição pessoal o que tinham de mais belo. 2. Como membros da comunidade tendo feito dom de seus corpos, como indivíduos recebiam

louvor que não envelhece e, como coisa muito significativa, uma sepultura não onde jazem, mas onde a glória deles sempre lembrada, subsiste na ocasião sempre fortuita de palavra e de ação. 3. Homens ilustres têm a terra toda como sepultura e não só a inscrição de estelas a indicam em solo seu, mas também em solo estrangeiro uma lembrança não escrita, mas foi seu íntimo que de seus atos, permanece em cada um. 4. A esses agora imitai e, julgando felicidade a liberdade e liberdade a coragem, não fiqueis examinando os perigos da guerra. 5. Não são os que se sentem mal aqueles que com mais razão desperdiçariam a vida, eles que não têm esperança de algo bom. Para eles, ao contrário, uma reviravolta no sentido contrário, se estiverem vivendo ainda, é risco que correm e é entre eles que a diferença é maior, se têm um tropeço. 6. Para um homem que tem grandeza a degeneração, junto com o amolecimento, é mais dolorosa que a morte que ocorre sem ser percebida mantendo o vigor físico e esperança comum.

44. Por isso, também os pais destes, quantos aqui estais, eu não vos choro e, ao invés disso, quero consolar-vos. Todos sabem que cresceram no meio de sofrimentos múltiplos. Têm boa sorte aqueles cujo quinhão é a mais bela morte, como estes agora, e a dor, como vós, e aqueles em cuja vida o ser feliz e o chegar a um fim tem uma medida comum. 2. É difícil, eu sei, persuadir a respeito daquilo de que muitas vezes tereis lembrança na boa sorte dos outros, boa sorte que um dia também vos dava alegria. Há dor não na privação de bens de que não se teve experiência, mas em ser privado daquilo a que se ficou habituado. 3. É preciso que se sintam fortes também pela esperança de outros filhos aqueles que ainda estão na idade de procriar. Individualmente, esquecimento dos que não mais existem serão, para uns, os filhos que virão e, para a cidade, haverá vantagem dupla: não ficará sem homens e terá segurança. Não podem deliberar em pé de igualdade e com justiça os que não expõem, como os outros, os filhos ao risco que correm. 4. Vós que estais além da idade considerarem lucro ter sido feliz durante a maior parte da vida e pensai que o resto será breve, e vos sirva de alívio o renome destes. Só o amor das honras não envelhece e na idade estéril não é o lucro, como dizem alguns, que causa prazer, mas o receber honras.

45. Em relação aos filhos destes, quantos aqui estão, ou aos irmãos, vejo que grande será a disputa – quem não mais existe é costume que todos o louvem – e, a custo, com um excesso de mérito sériéis considerados não iguais a eles, mas um pouco inferiores, pois para quem está vivo a inveja tem por objeto o rival e o que não lhes cerceia os pés tem homenagens de uma benevolência sem antagonismo. 2. E se é preciso que faça

menção também de méritos femininos, daquelas que agora vão viver na viuvez, tudo expressarei com uma breve exortação. Se não sois inferiores à natureza que tendes, isso é para vós a grande glória e também se é muito pouco ou que de uma de vós se diz nas rodas masculinas por mérito ou censura.

46. Com minha palavra está dito, segundo o costume, tudo quanto de apropriado eu tinha e, com o que estamos fazendo, ou os homens que sepultamos já tem as homenagens e os filhos deles, a partir de agora, a cidade por sua conta os educará até a adolescência, oferecendo por suas lutas a estes e aos que restaram uma coroa que lhes será útil: onde os maiores prêmios são propostos para o mérito, aí também homens excelentes exercem a cidadania. 2. Agora chorai cada um aquele a quem está ligado e depois parti. ”

47. Tal foi o funeral nesse inverno. Ele foi feito e terminou o primeiro ano desta guerra.

Referências bibliográficas

- Earley, B. A new translation of Thucydides. *The classical Review*. v. 64, n. 2, 374-76, 2014.
- Francisco, R. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. *Scientia Traductionis*, n. 16, 91-100, 2014.
- Jones, P. V. (org.). *Mundo de Atenas. Uma introdução à cultura clássica ateniense*. Tradução por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Snell-Hornby, M. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? *Pandaemonium*, v. 15, n. 19, 185-212, 2012.
- Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso. Livro I*. Tradução e apresentação por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- Xenofonte. *Econômico*. Tradução e introdução por Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.